

Violência de gênero: estratégias para a formação do leitor

Gender violence: strategies for reader formation

Carlos Magno Gomes¹

RESUMO: Este artigo apresenta uma estratégia de ensino de literatura a partir dos estudos de gênero, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativa do leitor, debatendo sobre a violência contra a mulher. Como *corpus*, sugerimos uma releitura de contos contemporâneos de Lygia Fagundes Telles, Néida Piñon e Marina Colasanti. Para tanto, exploramos as especificidades da leitura literária e da formação do leitor, levando em conta as questões ideológicas e culturais que envolvem a representação de gênero. Entre os conceitos explorados, destacamos as concepções de ensino de literatura, de Annie Rouxel; de leitor colaborador, de Umberto Eco; e particularidades da violência de gênero, de Lia Zanotta Machado. Esse modelo de leitura rompe com interpretações patriarcais da violência de gênero, abrindo espaço para refletirmos sobre o quanto as agressões físicas e psicológicas são construídas por referências desrespeitosas ao direito da mulher e para ouvirmos o grito feminino presente no texto literário.

Palavras-chave: Leitura e estudos de gênero. Recepção. Leitor colaborativo.

O debate sobre a prática de leitura a partir de uma abordagem heterogênea do texto literário faz parte das reflexões interdisciplinares acerca da formação do leitor nos dias de hoje. No meio

¹ Professor Associado de Teoria Literária da UFS. Doutor em Literatura pela UnB (2004), com pós-doutorado em Estudos Literários pela UFMG (2013). Editor do periódico *Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura*. E-mail: calmag@bol.com.br.

Revista Língua & Literatura	Frederico Westphalen	v. 17	n. 30	p. 279 - 295	Recebido em: 15 nov 2015. Aprovado em: 15 dez. 2015.
-----------------------------	----------------------	-------	-------	--------------	---

do “fogo cruzado” das concepções a favor e contra a liberdade do leitor, apresentamos uma proposta de formação crítica que valoriza a identificação das tensões sociais que envolvem aspectos sociais da violência contra a mulher. Esta proposta de leitura literária é sustentada pela interdisciplinaridade dos estudos da recepção, que reconhecem a subjetividade do processo de formação do leitor (ROUXEL, 2013, p. 18).

No campo teórico, os estudos literários têm apresentado opções inovadoras para o ensino de literatura ao incluir em sua agenda questões identitárias e culturais próprias dos Estudos Culturais. Tal prática de inclusão faz parte da agenda de releituras, que reforçam a premissa de que a interpretação dos textos deve ser um “processo contínuo de significação do

mundo cultural e ideológico, que está sempre significando e ressignificando – esse processo é sem fim” (HALL, 2003, p. 362). O processo de ressignificação é um dos importantes para a formação do leitor.

Pensando nesse processo de releitura, propomos uma prática voltada para explorar aspectos estéticos e culturais da violência doméstica nas representações literárias. Para tanto, ressaltamos a participação do leitor por meio da análise das representações ideológicas do texto literário, agregando-lhe novos significados a partir dos intertextos históricos. Tal autonomia do leitor é fundamental para o questionamento das formas de violência contra a mulher na sociedade brasileira, já que a subjetividade faz parte do processo de “formação de um sujeito leitor livre, responsável e crítico – capaz de construir o sentido de modo autônomo e de argumentar sua recepção” (ROUXEL, 2013, p. 20).

Nesse caso, propomos a formação do leitor para identificar os diferentes tipos de violência de gênero com o intuito de comparar como tal violência é representada em textos ficcionais em relação ao contexto histórico brasileiro. Na primeira parte deste artigo, debatemos a formação do leitor a partir dos estudos da recepção e da leitura literária; na segunda, apresentamos roteiros de leitura de contos de Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon e Marina Colasanti como forma de desenvolvimento de uma leitura colaborativa, capaz de ampliar o horizonte de expectativa do leitor.

Projetado, sobretudo, pelas demandas do leitor em relação

ao texto, o horizonte de expectativa se relaciona às experiências sociais do indivíduo, às situações culturais de determinada época, aos parâmetros e valores para recepção e aceitação de uma obra e sua relação com as circunstâncias de um dado tempo histórico. Para tanto, espera-se que esse leitor tenha uma “postura implicada”, isto é, ser um sujeito “engajado” com o texto (ROUXEL, 2013, p. 19). Tudo isso é possível por meio do processo de identificação dos espaços vazios do texto e pela exploração dos intertextos culturais que ampliam o horizonte de expectativa de um texto. Neste caso, damos ênfase às abordagens ideológicas de gênero como um intertexto cultural crítico, capaz de trazer novas reflexões sobre o potencial interpretativo do texto literário.

Com tal dinâmica, ler e reler se confundem, visto que a interpretação é construída por meio de comparações entre diferentes textos que fazem parte da rede de intertextualidades culturais e estéticas que iluminam o texto literário. Com esse intuito, reconhecemos que o leitor deve levar em conta que “a linguagem é uma articulação de diferenças”, e romper com os padrões impostos pelas “comunidades interpretativas” para agregar novos sentidos ao texto literário (HALL, 2003, p. 357). Para alcançar tal ruptura, propomos o questionamento do discurso patriarcal que dá sustentação à violência de gênero como parte das regras matrimoniais. Tal discurso faz parte de uma comunidade interpretativa responsável pela opressão de gênero na sociedade brasileira. Na sequência, apresentamos algumas reflexões teóricas sobre leitura literária, leitor e violência de gênero.

1 Por uma leitura colaborativa

No campo metodológico, a prática colaborativa de leitura nos convida a examinar o lugar do leitor e da intertextualidade nesse processo de interpretação de textos literários. Esse método leva em conta a premissa de que a construção de sentidos sempre requer a atualização do texto por meio de movimentos cooperativos por parte do leitor. Nesse processo, espera-se que o leitor seja capaz de decodificar o texto analisado, visto que a construção de sentidos requer “atualização” e “movimentos cooperativos, conscientes e ativos da parte do leitor” (ECO, 2004, p. 36).

*Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor*

*Gender violence:
strategies for reader
formation*

Nessa prática, o leitor precisa trazer seu repertório social para o espaço da interpretação, seguindo as pistas deixadas no texto para formular uma conjectura de sentidos (ECO, 2005, p. 75). Como se trata de uma prática de leitura autônoma, sugerimos a valorização da subjetividade do leitor, pois “a formação de uma personalidade sensível e inteligente, aberta aos outros e ao mundo que esse ensino da literatura vislumbra” (ROUXEL, 2013, p. 20). Para tanto, ressaltamos a ampliação do horizonte de expectativa desse leitor a partir da inclusão de intertextos sociais sobre a violência de gênero no processo de leitura.

Com tal propósito, as questões de gênero ampliam o debate em torno dos modelos de leitura quando pensamos na valorização das subjetividades das identidades de gênero e no repúdio à violência contra a mulher. Tal reflexão pode ser iniciada pela inserção da temática legislativa referente à importância da Lei 11.340/06, que cria mecanismos de coibição da violência doméstica e familiar contra a mulher em diferentes contextos. Conhecida como Maria da Penha, essa lei prima pela valorização dos direitos da mulher e pela defesa do fim da violência doméstica.

Partindo desse intertexto histórico, trazemos para o espaço da sala de aula uma coleção de textos que nos proporcionam reflexões acerca de como a violência simbólica e física era naturalizada na tradição da família patriarcal e de como tais representações não cabem mais na atualidade. Por exemplo, partimos da ressignificação das atitudes do ciumento Bentinho, narrador de *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, que acusa a esposa de traição. Ao ressignificar tal ataque à companheira, podemos debater como a violência simbólica é parte das estratégias patriarcais da manutenção da honra masculina. Essa obra descreve um marido ciumento que passa a desconfiar da traição da esposa, transformando a suspeita em justificativa para a violência simbólica.

No romance, a violência acontece depois que Bentinho passa a perseguir psicologicamente Capitu. Inconformado com suas suspeitas, ele exila a mulher na Europa. Em vez da violência física ou do assassinato da mulher, Bentinho opta pelo exílio da companheira, que passou a viver um cárcere privado longe de sua família e amigos. Esse castigo pode ser visto como uma punição pública para sua possível infidelidade. Assim, no romance

de Machado de Assis, Capitu paga pelo descontrole obsessivo do marido, pois o adultério não fica provado. Portanto, *Dom Casmurro* pode ser citado como um modelo de romance que pode ser ressignificado a partir da formação do leitor que leva em conta os paradigmas legislativos da Lei Maria da Penha.

Nesse sentido, a revisão da história de recepção de algumas obras literárias renova os sentidos e amplia o horizonte de expectativa desses textos quando incluímos a questão da violência de gênero como parte de um roteiro de leitura que visa à atualização dos sentidos do texto literário. Nesse caso, essa violência pode ser identificada quando se atribui simbolicamente ao feminino uma posição inferior, na qual a mulher passa a ser vítima preferencial e crônica da opressão física, moral ou sexual de um homem (MACHADO, 2010, p. 62).

Por meio da formação crítica do leitor, novos sentidos podem ser agregados aos textos que trazem representações de violência de gênero como os romances regionalistas: *Menino de engenho*, de José Lins do Rêgo, ou *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, obras em que a mulher é punida por buscar a liberdade fora do casamento. Para tanto, o leitor é convidado a explorar de forma colaborativa os diferentes intertextos que a obra literária carrega e que podem ser identificados em quatro planos: “sua memória, sua cultura, sua inventividade interpretativa e seu espírito lúdico” (SAMOYOUT, 2008, p. 91). Neste artigo, primamos pela interseção entre a memória cultural e literária. Para a exploração da violência de gênero como um intertexto cultural, sugerimos a exploração do texto literário como parte da memória estética e social de um povo.

Assim, articulamos a exploração da memória cultural da qual o texto faz parte para a concretização da leitura colaborativa. Isso é possível por meio da valorização da recepção em que o ato de ler é também um ato de construção de novos sentidos. Dessa forma, é notório que a literatura seja capaz de libertar o sujeito de concepções ideológicas normatizadoras por sua capacidade de produzir autonomia no processo de recepção. Por isso, enfatizamos uma abordagem que considere a interpretação como conhecimento e interação entre o plano estético e o social.

A inserção do questionamento dos sentidos da violência

Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor

Gender violence:
strategies for reader
formation

de gênero no processo interpretativo nos remete aos intertextos sociais. Essa violência é parte de uma memória coletiva, por isso compõe uma narrativa maior, visto que o “intertexto leva em consideração a sociabilidade da escritura literária, cuja individualidade se realiza até certo ponto no cruzamento particular de escrituras prévias” (NITRINI, 2010, p. 165). Além disso, a perspectiva intertextual não identifica apenas os paralelismos presentes no texto, pois pode ir além e analisar questões mais gerais das obras e de procedimentos literários.

Com esta estratégia, convidamos o leitor a construir o sentido dos textos pelo processo comparativo próprio do uso da intertextualidade. Este olhar de revisão, de investigação de como a violência está representada, dá sustentação ao caráter politizado do método cultural de leitura dos textos literários. Além disso, esta abordagem requer um leitor participante do processo de interpretação, já que “o texto não apenas repousa numa competência, mas contribui para produzi-la” (ECO, 2004, p. 40), pois a produção de sentidos é própria do leitor coautor.

Neste processo de coautoria, sugerimos que a memória coletiva dos textos literários e da história da violência de gênero seja levada em conta no processo de leitura, uma vez que uma obra literária pode ser vista como parte de uma memória social, que tanto se refere aos textos estéticos, como aos históricos. O processo de comparação entre a representação da violência de gênero em textos ficcionais e históricos também pode ser iluminado pela recepção atual, visto que o diálogo entre os textos propõe a ideia de metamorfose ou alquimia no processo de criação e de interpretação de textos (NITRINI, 2010, p. 142).

Este processo, que explora os sentidos da recepção, é necessário para a atualização do texto e se concretiza quando se usa a recepção que fragmenta “o texto principal” por meio do intertexto crítico, valorizando, assim, o “fragmentário e o heterogêneo” (SAMOYAUULT, 2008, p. 63). Logo, o uso da violência de gênero como um intertexto cultural pede um processo de recepção ativa para além do texto literário, pois convida o leitor a propor novos sentidos para os signos textuais através da atualização dos códigos literários. Tal atualização dos sentidos do texto literário está relacionada com a cooperação do leitor, que compreende que o

segredo do texto está em preencher seus “espaços vazios” (ECO, 2005, p. 46).

Portanto, esta proposta de leitura passa pela ampliação do horizonte de expectativas do leitor a partir da identificação da violência de gênero como um roteiro de interpretação literária. Neste processo, a participação colaborativa do leitor é fundamental para consolidar a autonomia da recepção, pois “a leitura literária embasada na experiência estética permite que os alunos se apropriem do texto, criando, de algum modo, a sua própria obra literária” (ROUXEL, 2014, p. 33). Com isso, o leitor também passa por troca de experiências culturais que são fundamentais para a construção de sua identidade, pois ele parte das representações da violência de gênero para (re)significá-las a partir das experiências sociais que lhe estão disponíveis no ato da leitura.

Para o leitor colaborativo, a inclusão do intertexto da violência contra a mulher torna-se uma estratégia de ressignificação textual. Nesse caso, o uso da intertextualidade passa a ser explorada como parte do roteiro de leitura, pois traz indícios do que está sendo contado e sugere pistas interpretativas que podem ser compartilhadas pelo leitor. Assim, propomos uma leitura literária a partir da exploração do intertexto da violência de gênero como um método de interpretação literária. Com a exploração desse intertexto, estamos abrindo a obra a outras recepções com novos sentidos, já que o texto literário traz uma memória do passado que exprime “movimentos e procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras” (SAMOYAULT, 2008, p. 47).

Nesta proposta metodológica, o leitor pode ser visto como um coautor quando se apropria e reconfigura o texto literário, “completando-o com elementos oriundos de sua história pessoal e de sua cultura ou, inversamente, deixando-lhe lacunas, apagando tal aspecto que não atraiu muito a sua atenção” (ROUXEL, 2014, p. 23). Além disso, o engajamento desse leitor é fundamental para a interpretação do texto, que é uma unidade linguística incompleta, necessitando de um colaborador, que articule as partes semânticas e formais no processo de leitura. Nesta prática, estamos convidando os leitores a assumirem um papel de colaborador da interpretação, passando a explorar sua criatividade e sua subjetividade para questionar os sentidos da violência de gênero

*Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor*

*Gender violence:
strategies for reader
formation*

representados no texto literário.

Para complementar esta abordagem metodológica, cabe ressaltar a importância dos estudos de gênero para a ampliação do horizonte de expectativa das obras literárias. Assim, estamos tratando “gênero” como uma categoria que permeia os estudos sobre a violência contra a mulher, visto que “gênero” pode ser descrito como “uma relação socialmente construída entre homens e mulheres, servindo como categoria de análise para se investigar a construção social do feminino e do masculino” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 168).

No contexto da violência doméstica, as agressões físicas e morais nascem na tênue fronteira entre a integridade da mulher e sua sujeição ao companheiro. Diversas pesquisas de cunho social apontam que o controle do poder e a defesa da honra estão entre os motivos da violência contra a mulher, pois “em nome do controle, do poder e dos ciúmes, os atos tendem a ser de violência cotidiana e crônica física, psíquica. Podem e desencadeiam em morte” (MACHADO, 2010, p. 57).

Dessa forma, a leitura literária que prima pelo debate acerca da violência contra a mulher deve levar em conta alguns intertextos culturais relacionados a esse tema: o gênero como categoria de análise; a violência como parte da estrutura dominante; o assassinato de mulheres como uma forma de manutenção de poder por parte do homem traído ou abandonado.

No próximo tópico, passamos a identificar e comentar essas especificidades nas narrativas de autoria de autoria feminina com o intuito de formar leitores críticos.

2 Leituras da violência de gênero

Apresentamos, na sequência, roteiros de leituras que exploram o assassinato da mulher, o feminicídio, como uma forma normatizada de violência de gênero. Especificamente, sugerimos a ampliação do horizonte de expectativa do leitor a partir da identificação das estratégias de questionamento dessa violência em contos contemporâneos de Lygia Fagundes Telles, Nélide Piñon e Marina Colasanti, que trazem a representação do assassinato de mulheres como parte da estrutura de violência doméstica.

Inicialmente, destacamos o conto “Venha ver o pôr do sol”, da coletânea *Antes do baile verde* (1970), de Lygia Fagundes Telles, que descreve como a protagonista, Raquel, é vítima de um crime premeditado por um homem ciumento e vingativo, Ricardo. Para essa leitura, sugere-se preparar o leitor com um debate sobre as formas estruturais de violência de gênero, questionando aspectos ideológicos da dominação masculina, presentes em atitudes mantidas pelos valores coletivos aliados a duração histórica que impõe normas ao corpo feminino “como índice da união e força da sociedade” (SEGATO, 2006, p. 6).

Nesse caso, podemos questionar a perspectiva do “crime passionnal” para explorar os aspectos psicológicos da mente doentia e desequilibrada do homem que agride e mata uma mulher. No conto, Ricardo, além de não aceitar o fim do relacionamento, sente-se rejeitado e diminuído por ter sido trocado por outro homem mais velho e com uma situação financeira estável. Aos poucos, reforça sua mágoa por ter sido abandonado pela sua condição social quando a descreve como interesseira e dissimulada: “A boa vida te deixou preguiçosa? Que feio – lamentou ele, impelindo-a para frente” (TELLES, 2009, p. 137).

O roteiro de leitura crítica pode ser guiado pelas atitudes de Ricardo que escolhe, como espaço do crime, um cemitério abandonando. As mágoas de um homem rejeitado vão sendo tecidas por um narrador que prepara um final trágico com o aprisionamento de Raquel em um túmulo abandonado: “Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado” (TELLES, 2009, p. 143-144). Esse crime faz parte de um imaginário social no qual o corpo da mulher é desprezado por desprezar o padrão masculino. Nessas situações, “o femicídio pode ser interpretado como parte da cultura de opressão da mulher” (GOMES, 2014, p. 791).

No processo de leitura, cabe enfatizar o quanto um homem desequilibrado tende a construir uma justificativa pessoal para castigar a mulher. Por meio da punição fatal para Raquel, Ricardo concretiza sua vingança sem culpa, ou remorsos, pois sai satisfeito do cemitério. Com o aprisionamento de Raquel, fadada à morte, o conto nos convida a pensarmos na questão do desprezo pelo

*Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor*

*Gender violence:
strategies for reader
formation*

corpo feminino, exercido por um parceiro vingativo.

Assim, este roteiro de leitura valoriza a experiência social do leitor, que deve preencher de forma colaborativa os espaços vazios do texto, visto que o processo de leitura, como Roxel comenta a partir da leitura embasada na experiência estética,

[,,] permite que os alunos se apropriem do texto, criando, de algum modo, a sua própria obra literária. Assim, é a relação com a literatura que se encontra transformada, sendo esse o lugar de uma experiência existencial e estética onde se põe em jogo a identidade do leitor. (ROUXEL, 2014, p. 33).

O uso do intertexto da violência de gênero auxilia o processo de interpretação do crime. Portanto, o conto passa a ser visto para além de sua beleza estética, pois passa a ser interpretado pelos novos sentidos que o intertexto da violência proporciona. Ao usar a questão ideológica de gênero como um novo referencial, estamos abrindo novas possibilidades de interpretação desse clássico da literatura brasileira, visto que passamos a enfatizar a estrutura opressora de gênero por trás do crime premeditado por um homem abandonado pela companheira.

Aprofundando o debate acerca da violência de gênero como uma forma estruturante de controle do corpo da mulher, sugerimos a leitura do “Sangue esclarecido”, da coletânea *Sala de armas* (1973), de Nélida Piñon. Esse conto pode ser incluído nesse processo de formação do leitor para o questionamento da violência contra a mulher. Particularmente, essa narrativa descreve a violência moral e física sofrida pelas mulheres diante de homens que se impõem por meio da força e da virilidade. O protagonista dessa narrativa é descrito como sem sentimentos e sem apego às mulheres. Sua frieza e a falta de emoção ressaltam uma postura de gênero agressiva e violenta no espaço da casa. Sem nomes próprios, as personagens são descritas por seus comportamentos sociais: o homem violento e a mulher passiva e resignada.

A leitura desse conto pode ser guiada pela identificação do olhar paródico com o qual Nélida Piñon descreve a violência contra as mulheres. Olhar esse que está presente na incorporação do intertexto cultural ao literário, mediante a inclusão de uma crítica às normas sociais na estrutura do texto. Na trajetória do

protagonista, desde o primeiro contato com o carinho materno, o homem não desenvolve seu lado emocional. O processo de interpretação possibilita identificar ameaças e agressões como parte das formas desse homem com as mulheres que se apaixonam por ele. O debate pode ser proposto em torno da falta de sentimento e da imposição da violência como uma questão identitária masculina: “Dominou a mulher com falhas e prejuízos, cuspidando-lhe em seguida no rosto” (PIÑON, 1981, p. 146). O leitor, aos poucos, vai se familiarizando com o fato de a força e de a brutalidade ser as marcas do homem.

Esse conto debate até que ponto a mulher pode ser vista como cúmplice. Ao aceitar a violência verbal e física, a mulher apresenta comportamento conivente com a violência doméstica. Nessa situação, a “cumplicidade” da mulher é levada em conta, visto que ela se aproxima daquilo que as feministas classificam como “mulher em situação de violência”, pois participa do processo de forma ativa (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 170). Embora esse conto tenha essa peculiaridade, o questionamento da violência doméstica se sobressai por parodiar o embrutecimento de um homem, como a única forma da manifestação de sua masculinidade.

Assim, sugerimos que o roteiro de leitura traga uma reflexão sobre como a imposição da força e do respeito limita um relacionamento, que passa a ser gerido pelo medo e pelo temor da mulher acuada. Na parte final do conto, quando o protagonista passa a ter um relacionamento com uma jovem mulher, sua brutalidade é exposta de forma irracional e desproporcional, ratificando a irracionalidade de suas atitudes. Ele, sem motivos externos, agride inexplicavelmente a mulher que acabara de lhe dar proteção e comida: “Enquanto apertava aquele pescoço, ouvia o ruído das coisas gentis espatifando. Depositou-a no chão, cuidou de cerrar seus olhos, olhos espantados, ainda lambendo a língua espremida para fora” (PIÑON, 1981, p. 150).

Nesse caso, a leitura literária pode explorar também o excesso de agressividade desse protagonista, que nos remete a valores e preconceitos próprios da dominação masculina. Ao descrever um homem sem sentimentos, que despreza o corpo da mulher, Néli-da Piñon faz uma incisiva crítica ao universo machista irracional

e opressor. Esse comportamento traz à tona uma das marcas da identidade masculina, a agressividade e a capacidade de o homem se impor por meio da brutalidade (MACHADO, 2010, p. 63). Tal reconhecimento é fundamental para uma leitura colaborativa, pois o leitor deve ter o objetivo de atualizar os sentidos dessas representações, preenchendo os “espaços vazios” da obra por meio dos intertextos do questionamento da violência contra a mulher. A violência e a brutalidade gratuita são relacionadas a um personagem masculino que se perde socialmente, quando guiado por sua agressividade.

Dando continuidade a nossa abordagem de leitura literária, incluímos um texto de Marina Colasanti, “Uma questão de educação”, da coletânea *Contos de amor rasgados* (1986), que retoma de forma cômica a representação do feminicídio. Nesse conto, essa autora questiona as normas que dão sustentação à violência de gênero, ao usar atitudes masculinas doentias, para repudiar o absurdo da violência doméstica. O processo de leitura é guiado pela identificação dos tons paródico e irreverente que sustentam a narrativa ficcional.

Nesse conto, Colasanti explora o homicídio da mulher de forma macabra e antropofágica, retomando a representação da violência com a decapitação da esposa. Como nos textos anteriores, o assassinato da mulher é explorado como parte do ritual da manutenção da moral masculina, pois o marido mata sua esposa, logo após vê-la conversando com outro homem. “Quando ela entrou, decapitou-a com o machado” (COLASANTI, 2010, p. 203). Essa forma de descrever a violência doméstica vai além de uma descrição ficcional, pois o relato da forma ancestral como a mulher é tratada está relacionada com as estruturas ideológicas de manutenção do poder, nas quais a mulher é vítima da normatização da submissão e do controle. Na narrativa ficcional, a mulher é vista como objeto de um homem possessivo e ciumento, trazendo à tona uma perversa estrutura de gênero, na qual o homem agride a mulher e a mata porque se sente desrespeitado (PASINATO, 2011, p. 230).

O leitor pode ser guiado pela interpretação do ritual que envolve o antes e o depois do assassinato. A perspectiva antropofágica e cômica de Colasanti pode ser usada como uma postura

crítica de questionamento da atitude possessiva do homem. Tal abordagem pode partir da descrição brutal da vingança, seguida de uma vontade canibal de degustar a cabeça da mulher: “Depois recolheu a cabeça e antes que todo o sangue escapasse pelo pescoço truncado, jogou-a na panela. Picou a cebola, os temperos, acrescentou água, e começou a cozinhar a grande sopa” (COLASANTI, 2010, p. 203). A cena do temperar a cabeça da companheira é sádica, pois vai além da brutalidade do assassinato.

Nesse caso, a decapitação da companheira reforça o sistema punitivo que sustenta as normas sociais de gênero. O exagero da cena tenta sintetizar, de forma paródica, o quanto essa estrutura é sustentada por um certo fascismo de gênero que dá sustentação, no imaginário patriarcal, ao sacrifício da mulher adúltera como uma questão de honra. Dentro da discussão, o roteiro de leitura explora as marcas paródicas do feminicídio, quando executado por uma questão de honra. Essa fatalidade é própria de um padrão cultural de “controle e posse da mulher, desejo de ter, desejo de não perder, desejo de que as mulheres nada queiram a não ser eles mesmos” (MACHADO, 2010, p. 14). Na ficção de Colasanti, essa postura de posse é representada de forma paródica pela cena da degustação da cabeça da esposa decapitada.

Esteticamente, a perspectiva paródica pode ser explorada na parte final do conto, quando o criminoso rejeita o corpo da mulher por ter cabelos. Tal absurdo sintetiza a contradição de um homem violento que tem o ímpeto de decapitar sua mulher, mas que não consegue superar uma regra de conduta que o impede de consolidar seu ritual: “Nunca, desde pequeno criatura suportara a visão de cabelos na comida” (COLASANTI, 2010, p. 203). Com esse princípio educacional, ele rejeita a cabeça da mulher. O tom cômico do texto pode ser explorado como uma ferrenha crítica ao feminicídio. Essa opção narrativa desconstrói valores tradicionais de gênero ao colocar a sensibilidade masculina como uma piada. Mesmo sendo um homem educado, o assassino não foi capaz de propor o diálogo como saída para entender o que estava acontecendo. Pelo contrário, ele opta pela eliminação da esposa, como se a mulher fosse um animal doméstico que fugiu do cercado, e se contaminou, por isso deva ser abatida.

Essa representação cômica de um homicida nos leva a pen-

sar no quanto a violência de gênero é estrutural nas sociedades patriarcais. Apesar de patética, a cena final critica as normas que aprisionam homens e mulheres a comportamentos extremos. Mesmo agindo pelo impulso da honra, assassinando a mulher, esse homem reassume sua condição de civilizado ao refugar o prato de seu ritual. Ao descrever um homem refutando a sopa da cabeça da mulher, Colasanti se coloca dentro da tradição da narrativa contemporânea de questionar a violência de gênero. Infelizmente, tal brutalidade, no Brasil, não está restrita à ficção, pois os homicídios de mulheres ocorrem em decorrência de ataques domésticos, executados por parceiros com os quais as mulheres dividiam seus sentimentos (GOMES, 2014).

Considerações finais

Ao levarmos em conta a ruptura da comunidade interpretativa patriarcal, acrescentando a violência de gênero como parte da recepção dessas obras, estamos ampliando o horizonte interpretativo por meio de releituras dessa violência que faz parte da história da literatura brasileira. Com isso, defendemos a participação do leitor de forma colaborativa para a melhor exploração do intertexto da violência de gênero. Nesse caso, a experiência estética do leitor é fundamental para uma resignificação desses textos, pois o encontro do leitor com a obra pode proporcionar uma experiência interpretativa que poderá ser levada para vida inteira como parte de sua memória, valores e personalidade (ROUXEL, 2014, p. 22).

Assim, este artigo construiu estratégias de releituras da violência doméstica, reforçando roteiros de interpretação que exploram a violência estrutural de gênero por trás de cada conto. Em “Venha ver o pôr do sol”, Lygia Fagundes Telles expõe o padrão do homem desprezado e vingativo por não aceitar o fim de um relacionamento; em “Sangue esclarecido”, Nélide Piñon retoma o tema da brutalidade masculina por meio da ironia do título “esclarecido”, visto que nada fica justificado na narrativa, nem a violência gratuita; no último conto, “Uma questão de educação”, Marina Colasanti, brinca com o ritual antropofágico, ao usar de forma cômica, uma paródia do feminicídio praticado por um ho-

mem educado.

Após a experiência de leitura desses textos, o leitor é capaz de identificar a violência contra a mulher como parte da cultura e de suas normas simbólicas que reforçam a construção de valores hegemônicos em torno do desafio da honra e do controle das mulheres (MACHADO, 2006, p. 14). Para rever tal estrutura, reforçamos roteiros de interpretação que descartam a questão da honra como motivo do feminicídio. Além disso, demos como parâmetro o fato de o narrador dos contos analisados contestarem, no plano estético, essa inescrupulosa forma de defesa da moral masculina.

Nos três roteiros de leitura, convidamos o leitor a saborear esses contos pelo olhar dos estudos de gênero, que nos guiam por novos labirintos da violência de gênero. Portanto, a relação entre a recepção crítica e os conceitos que sustentam a violência de gênero é indispensável para uma leitura crítica atualizada, que reconhece o corpo da mulher como um espaço de luta e questiona valores morais conservadores, visto que “as relações de poder se exercem de maneira transversal na sociedade”, nas quais o corpo é campo de disputa e de propagação do poder (PASINOTO, 2011, p. 239).

Com essa perspectiva, este artigo propõe um modelo de leitura que rompe com as interpretações patriarcais da violência de gênero, que justificam tal crime como parte das regras sociais do culto da honra masculina. Ao explorar a violência de gênero como um intertexto cultural, sugerimos a formação de um leitor colaborativo capaz de ressignificar os sentidos desses crimes nos textos literários. Ao selecionarmos uma coleção de textos que contestam a violência contra a mulher, queremos abrir espaço para uma reflexão sobre o quanto as agressões físicas e psicológicas ainda são construídas por referências desrespeitosas ao direito da mulher. Nossa abordagem propõe o questionamento dessa violência, o qual abre espaço para ouvirmos o grito feminino presente no texto literário.

Abstract: This article presents a strategy of literature teaching based on gender studies; it debates violence against women in order to expand the reader's horizon of expectation. We suggest a

*Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor*

*Gender violence:
strategies for reader
formation*

reinterpretation of contemporary short stories by Lygia Fagundes Telles, Nelida Piñon and Marina Colasanti. To that end, we explore the specificities of literary reading and reader formation, considering the ideological and cultural issues involving gender representation. Among the concepts explored, we highlight Annie Rouxel's concept of literature teaching, the notion of cooperative reader, proposed by Umberto Eco, and the characteristics of gender violence enrolled by Lia Zanotta Machado. This reading proposal breaks with patriarchal interpretations of gender violence, leaving space for the reader to hear women screams in the literary text and to reflect about how physical and psychological aggressions are built by disrespectful references to women rights.

Keywords: Reading and gender studies. Reception. Cooperative reader.

Referências

COLASANTI, Marina. Uma questão de educação. In:_____. *Contos de amor rasgados*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. Trad. de MF. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Lector in fabula*. 2. ed. Trad. de Attílio Cancian São Paulo: Perspectiva, 2014.

GOMES, Carlos Magno. O femicídio na ficção de autoria feminina brasileira. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, v. 22, n. 2, 2014, p. 781-794.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. de Adelaine La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MACHADO, Lia Zanotta. *Feminismo em movimento*. São Paulo: Francis, 2010.

_____. *Violência doméstica contra as mulheres no Brasil: avan-*

ços e desafios ao seu combate. In: BRASIL. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. *Cartilha violência doméstica – Protegendo as Mulheres da Violência Doméstica*. Brasília: Fórum Nacional de Educação em Direitos Humanos, 2006, p. 14-18.

PASINATO, Wânia. Femicídios e as mortes de mulheres no Brasil. *Cadernos Pagu*, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero, v. 37, 2011, p. 219-246.

PIÑON, Nélide. Sangue esclarecido. In: _____. *Sala de armas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino de literatura. In: DALVI, Maria Amélia *et al.* (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 17-33.

_____. Ensino da literatura: experiência estética e formação do leitor. In: ALVES, José Hélder Pinheiro (Org.). *Memórias da Borborema 4: Discutindo a literatura e seu ensino*. Campina Grande: Abralic, 2014, p. 19-35.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade: memória da literatura*. Trad. de Sandra Nitrini. São Paulo: Hucitec, 2008.

SANTOS, Cecília MacDowell; IZUMINO, Wânia Pasinato. Violência contra as Mulheres e Violência de Gênero: notas sobre estudos feministas no Brasil. *Estudios Interdisciplinarios de América Latina y el Caribe*, Tel Aviv, Universidad de Tel Aviv, v. 17, n. 1, 2005, p. 167-184.

SEGATO, Rita Laura. *Que és un feminicidio*. Notas para un debate emergente. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB, 2006, p. 1-11. (Série Antropológica).

TELLES, Lygia Fagundes. Venha ver o pôr do sol. In: _____. *Antes do baile verde*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2009.

Violência de gênero:
estratégias para a
formação do leitor

Gender violence:
strategies for reader
formation

291